

Mulheres crescem no mercado

Mulheres são maioria no Estado. Elas estudam mais que os homens, mas ganham menos, de acordo com o IBGE

FLÁVIA MARTINS
DANIELLY MAGIONI

Elas já são maioria da população, estão estudando cada vez mais e já ocupam quase metade dos postos de trabalho no Estado. Entre as pessoas que trabalham, seja empregadas ou em atividade informais, 42,6% são mulheres e 57,4% homens e, a cada ano, essa diferença tem diminuído. No entanto, o salário delas ainda representa pouco mais da metade do que os homens ganham.

Foi o que mostrou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2005), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada ontem. Realizada entre outubro e novembro do ano passado, ela traz um retrato das famílias, abordando, entre outros temas, trabalho, renda e escolaridade.

O chefe da unidade do IBGE no Estado, Max Athayde Fraga, destacou que os números de 2005 apontam para maior presença da mulher no mercado, seja trabalhando ou buscando emprego.

Enquanto a quantidade de homens no mercado manteve-se praticamente a mesma, desde 2004, a de mulheres aumentou 4,5%.

Quanto ao salário, ele acredita que a grande presença de mulheres em cargos com remuneração menor, como emprega-

das domésticas, acaba puxando a média para baixo.

Apesar disso, a pesquisa mostrou que entre as pessoas que concluem o ensino médio e dão continuidade aos estudos, com curso superior, 56% são mulheres e 44% são homens.

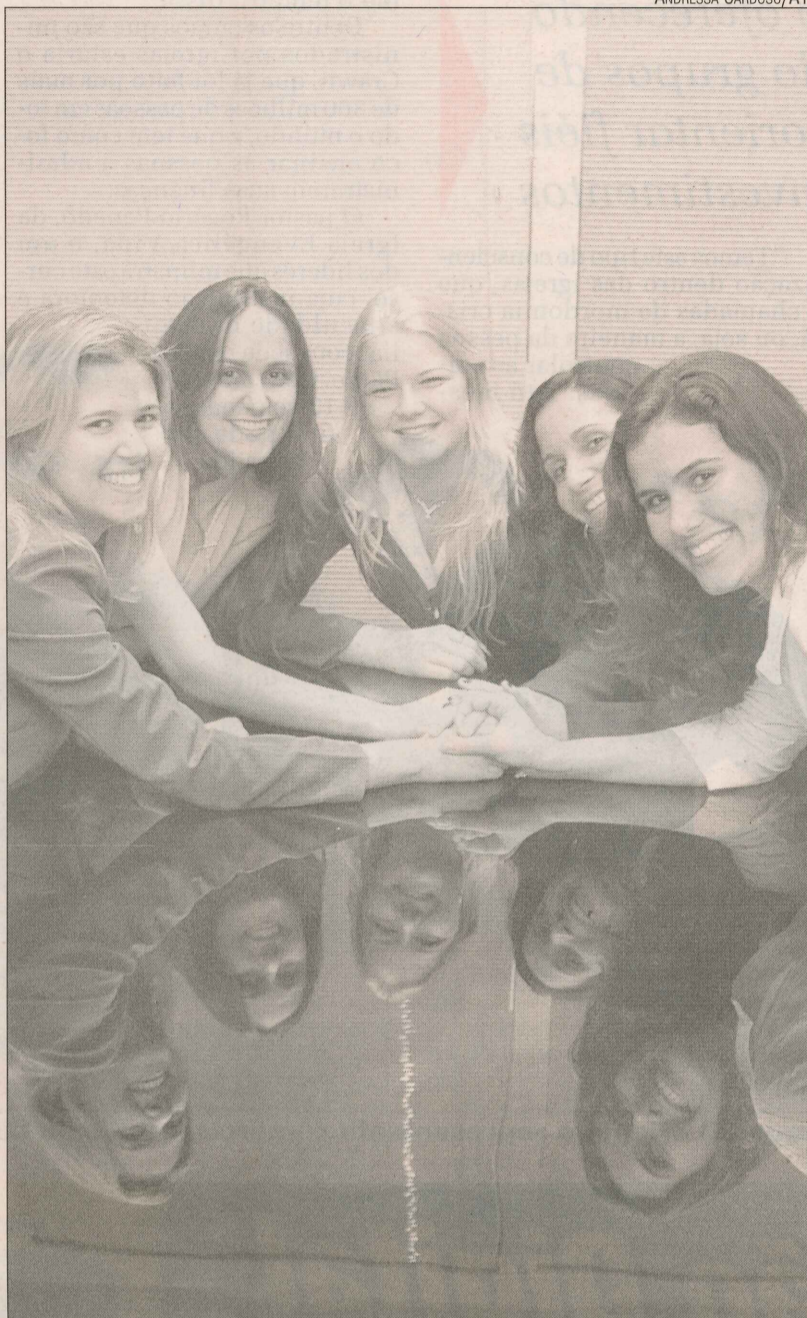
"A escolaridade da população tem aumentado. A participação das mulheres nesse crescimento mostra que elas estão buscando mais qualificação", observou Fraga.

As funcionárias do Grupo Sá Cavalcante, Lorena Cota, 22, Vanessa Zani, 25, Gisele Fairich, 18 e Aline Carolina de Lima, são exemplo da invasão feminina no mercado de trabalho. Lá, a grande maioria dos funcionários é formada por mulheres, em diferentes cargos.

A gerente de Recursos Humanos da empresa, Lucila Lopes, destaca que a facilidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo é um diferencial.

"As mulheres já estão acostumadas a ser multifunção. Hoje, no mercado, as funções não são muito definidas e os cargos exigem pessoas mais flexíveis", ressaltou.

Cercado delas por todos os lados, o também funcionário da empresa Fabrício Gumieiro, 22, assina embaixo. "Elas estão chegando com tudo. São mais atentas aos detalhes e tem mais facilidade para negociar", afirmou.



Vanessa, Aline, Gisele, Kenia e Lorena: maioria no trabalho

Salário médio no Estado é de R\$ 657

O salário dos trabalhadores no Espírito Santo teve crescimento real de 2,3%, em 2005, metade do aumento médio no País, que foi de 4,6%. A taxa de desemprego, no Estado, também subiu de 9,3% em 2004, para 9,6% no ano passado.

A pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também mostra que o salário médio dos trabalhadores do Estado, no ano passado, era de R\$ 657,00, enquanto no País, era R\$ 805,00.

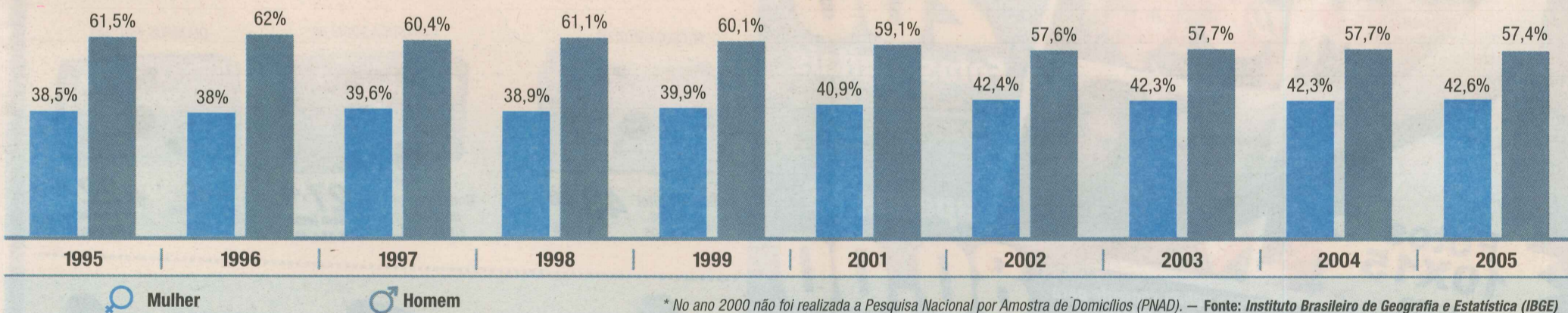
Já a renda média, considerando todas as pessoas que trabalham em um domicílio, chegou a R\$ 1.386,00. No Brasil, a média foi de R\$ 1,5 mil, alcançando R\$ 1,8 mil na média do Sudeste.

Mas para o economista Arilton Teixeira, diretor da Fundação Capixaba de Pesquisas (Fucape), os dois índices podem ser vistos de forma positiva.

"O aumento do rendimento foi considerável, mesmo sendo menor do que a média nacional. O crescimento da escolaridade pode ser um dos fatores que está contribuindo com isso. O controle da inflação também contribui para que as pessoas tenham um ganho real, no aumento", explicou.

Ele explica por que o crescimento do desemprego pode ser interpretada positivamente, já que representa aumento na população economicamente ativa.

A EVOLUÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO



Renda baixa é distribuída

O Espírito Santo foi o estado que teve melhor distribuição de renda do Sudeste, ficando em nono lugar do País, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2005), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada ontem.

Mas ainda há muitas famílias vivendo com pouco, considerando que em 34,2% das casas a renda máxima foi menor que R\$ 600,00, considerando que o salário mínimo era de R\$ 300,00 em 2005. Em 72,6% dos lares, o rendimento foi inferior a cinco salários mínimos (R\$ 1,5 mil).

Além disso, ainda há crian-

ças que precisam trabalhar. Entre os 5 e 17 anos, 11,8% contribuem com a renda familiar e 10,5% das crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos trabalhavam no ano passado.

O economista Arilton Teixeira acredita que essa diferença na distribuição e concentração de renda se deve aos programas sociais, como bolsa-família.

A quantidade de famílias diminui conforme aumentam os salários. O rendimento em 16,2% dos lares foi de cinco a 10 salários mínimos. Em 10,3% das casas, a renda era de mais de 10 salários (R\$ 3 mil), no ano passado.

DADOS DA PESQUISA

ESCOLARIDADE

- Em 2005, 12,6% das crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade não frequentavam a escola no Estado. Os adolescentes de 15 a 17 anos são os que menos vão ao colégio, 25,1%.
- Comparando-se com os anos de 1995, 2001 e 2005, houve um aumento significativo do grau de escolarização nas crianças de 5 a 17 anos. No primeiro ano, 21% estavam fora da escola, contra 13,2% de 2001 e 12,6% do ano passado.
- A rede pública de ensino atendia à maioria dos estudantes de mais de 5 anos no Estado, cerca de 79%, em 2005.
- Enquanto a maior porcentagem de alunos na escola pública estava no ensino

fundamental, 62%. No ensino particular, a maioria, 42% cursa o ensino superior.

- A taxa de analfabetismo dos capixabas com mais de 10 anos ficou em torno de 8% no último ano. Já na faixa etária de 10 a 14 anos representou 2%. Taxas menores do que as verificadas no País.
- Em um comparativo com os anos de 1995, 2001 e 2005, a taxa de analfabetismo vem caindo. Entre as pessoas com 10 anos ou mais de idade, ela passou de 12,8%, no primeiro ano, para 8%.
- Entre os capixabas, 29,3% alcançaram pelo menos 11 anos de estudo, o equivalente a concluir pelo menos o ensino médio, em 2005. A maior escolarização ocorreu entre as mulheres, 5,4% acima dos homens.

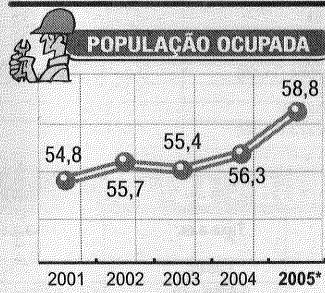
POPULAÇÃO

- No Espírito Santo, a diferença entre o total de homens e mulheres aumentou de 2001 para 2005. Se antes elas representavam 50,9% e eles 49,1%, no ano passado as mulheres eram 51% e os homens 49% da população capixaba.
- Em 2005, as pessoas brancas representavam 39,3% da população do Estado, as pardas, 53,3%, e as negras, 7,2%. Em relação a 2001, a proporção de pessoas brancas diminuiu, enquanto a de negras e pardas aumentou.
- Dos moradores do Espírito Santo, 80,4% nasceram no Estado, enquanto que 19,6% são migrantes.

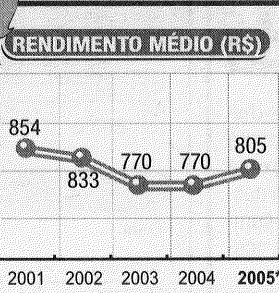
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

AMOSTRA DE DOMICÍLIO - 2005

Veja dados do IBGE (%)



(*) nível mais alto desde 1996



	2004	2005
Mulheres	45,6	46,4
Homens	68,2	68,3

Condição	Porcentagem (%)
Iluminação elétrica	97,2
Rede geral de água	82,3
Esgoto sanitário	69,7
Coleta de lixo	85,8

Idade	Porcentagem (%)
5 a 9 anos	1,8
10 a 14 anos	10,8
14 a 17 anos	30,8

Idade	Porcentagem (%)
5 a 9 anos	1,8
10 a 14 anos	10,8
14 a 17 anos	30,8

Ano	Porcentagem (%)
1995	9,8
2001	3,5
2005	2,6

(**) De 7 a 14 anos
21%
da população de 10 anos ou mais de idade acessou a Internet, pelo menos uma vez, nos 90 dias que antecederam à entrevista

Ano	Porcentagem (%)
2004	48,9
2005	48,1

Ano	Porcentagem (%)
2004	47,8
2005	59,3

Ano	Porcentagem (%)
2001	8,6
2004	18,8

3,5
média de pessoas por domicílio no país

FONTE: IBGE

© GRAFFO

Celular vira mania entre as famílias

Levantamento do IBGE mostra preferência dos moradores do Estado por celulares e computadores

O telefone celular está virando mania entre as famílias capixabas e vem ganhando o espaço até então ocupado pelo telefone convencional. Seja pela comodidade ou até mesmo como forma de reduzir as despesas, a troca do telefone fixo pelo móvel cresceu 60,7% de 2004 para 2005.

Os números, divulgados ontem, são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontam a preferência de apenas 36% dos capixabas pelo telefone fixo.

Outro dado mostra como as famílias do Estado estão ligadas à informação. O Espírito Santo ocupa a 6ª posição no País entre as pessoas que afirmaram ter ac-

sado a internet pelo menos uma vez nos últimos três meses do último ano.

Assim como aumentou o número de casas com aparelho celular, também é maior a quantidade dos domicílios que têm microcomputador. Enquanto em 2004, 12,5% dos lares tinham o equipamento, no ano seguinte, esse percentual subiu para 19,6%.

Esse crescimento foi registrado principalmente entre as famílias com maior poder aquisitivo.

Na casa da família Moulin Ribeiro, na Enseada do Suá, em Vitória, não foi a redução da despesa que pesou. Lá, o telefone fixo foi deixado de lado em nome da comodidade e da segu-

rança. Todos os cinco integrantes, entre eles três crianças e adolescentes, têm celular.

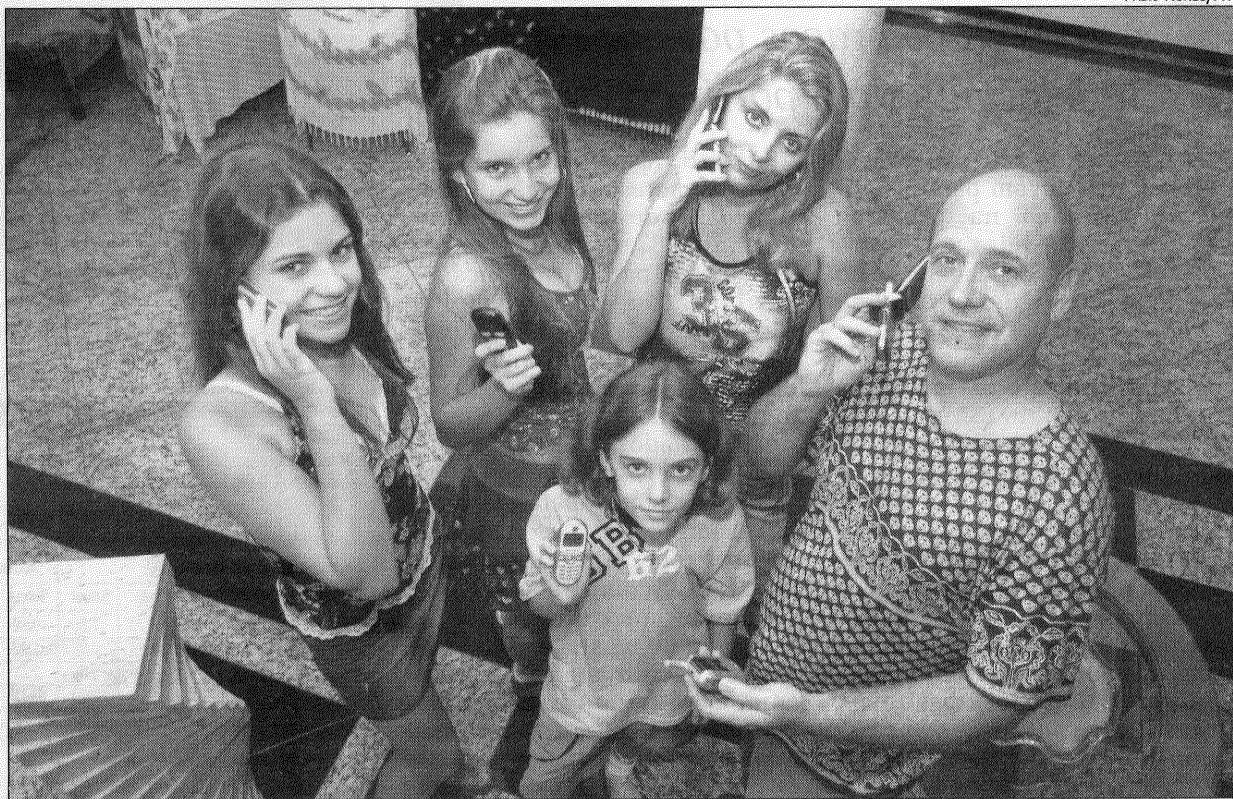
Os pais, a empresária Magda Vieira Ribeiro e o ortopedista Júlio César Moulin Ribeiro, garantem que aderiram ao telefone celular por segurança. O aparelho virou um aliado na criação dos filhos.

“Com o telefone móvel posso controlar mais facilmente meus três filhos, pois tenho como saber onde estão. O celular não é mais status. Se antes achava brega, agora acho que é um instrumento importante. Até deixamos o telefone fixo de lado”, revelou Magda.

Pais de Breno, 9 anos, Lara, 14, e Cássia, 13, eles revelaram que, no caso do menino, o celular foi comprado mais por modismo.

“O Breno tem celular há um ano e usa pouco porque sempre está comigo. Mas tive que comprar por ciúmes das irmãs e também porque os coleguinhas passaram a usar o aparelho”, revelou a mãe.

FÁBIO NUNES/AT



Júlio César e Magda com os filhos Cássia, Lara e Breno: família aderiu ao uso do celular

Pesquisa é feita todo ano

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) é a mais importante pesquisa anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em tamanho, sua amostra só não é superior à do Censo Demográfico, que, por ter um custo muito elevado para sua execução, é realizado somente de dez em dez anos.

Além de pesquisar dados de trabalho e renda de todo o Brasil – e não apenas das regiões metropolitanas, como faz, por exemplo, a Pesquisa Mensal de Emprego –, a Pnad traz ainda informações sobre indicadores sociais como educação, fecundidade ou acesso a bens e serviços.

Até 2003, não eram pesquisadas, por razões de limitação orçamentária, as áreas rurais de alguns Estados da região Norte.

Desde 2004, no entanto, a pesquisa passou a representar todo o Brasil.

É por isso que, ao comparar dados de 2005 com anos anteriores a 2004, é preciso sempre excluir as áreas que não eram pesquisadas até então. O número de pessoas entrevistadas no ano passado foi de 408.148.

Isso permite que a pesquisa tenha uma margem de erro muito inferior às que existem, por exemplo, em pesquisas de opinião, que são feitas geralmente com grupos que variam entre dois e três mil entrevistados.

Para indicadores que digam respeito a uma estimativa de mais de 10 milhões de pessoas, a margem de erro da pesquisa é sempre inferior a 1%. Essa margem só fica maior do que 5% quando o universo retratado é inferior a 300 mil habitantes.

Mercado de trabalho melhora

O número de pessoas ocupadas no País cresceu 2,9% em 2005, o equivalente a mais 2,5 milhões de vagas. A melhora do mercado de trabalho, no entanto, acabou se traduzindo em aumento da taxa de desemprego. Isso ocorre porque, quando há expansão na geração de vagas, aumenta o número de pessoas em busca de trabalho.

Em 2005, a taxa de desemprego subiu para 9,4%, de acordo com a série harmonizada, que exclui as áreas rurais da região Norte. Trata-se da maior taxa desde 2003.

O principal sinal de avanço no mercado de trabalho no ano passado foi o aumento, pelo segundo ano seguido,

do nível de ocupação.

O indicador relaciona o total de postos de trabalho com a população de potenciais trabalhadores, ou seja, quem conseguiu emprego em relação ao total da população que poderia estar inserida no mercado de trabalho.

O indicador passou de 56,3% em 2004 para 56,8% em 2005, a maior taxa desde 1995, de acordo com a série harmonizada.

Segundo o IBGE, o crescimento da população ocupada foi significativo porque superou a expansão demográfica da população de dez anos ou mais (2,0%).

O movimento foi ditado pelo aumento das mulheres à procura de trabalho.

Cresce total de crianças trabalhando

De 2004 para 2005, 130 mil crianças de 5 a 14 anos passaram a trabalhar no Brasil.

Nesse período, elas tomaram parte do contingente de 1,4 milhão de brasileiros que, nessa faixa etária, têm que conciliar estudo e trabalho ou abandonaram a escola para complementar a renda da família.

São, segundo o IBGE, em sua maioria filhos de agricultores que foram afetados pela crise no setor e passaram a trabalhar em atividades não-remuneradas ou para o próprio consumo.

O RETRATO DAS FAMÍLIAS NO ESTADO

■ O número de domicílios capixabas que tinham apenas celular aumentou em 60,7% de 2004 para 2005. Já o de lares que possuíam somente telefone fixo caiu 36%.

■ O celular cresceu mais entre as famílias com renda mais baixa, de até 10 salários mínimos. Em 2005, 37,8% das casas do Estado tinham os dois tipos de telefonia, móvel e fixa.

■ Entre os lares capixabas, 93,4% tinham geladeira, 19,3% possuíam freezer e 28,2% contavam com máquina de lavar roupa no ano passado.

■ A televisão existia em 91,3% dos domicílios e o rádio em 87,8%. A proporção de casas com TV em cores foi crescente de 2001 a 2005 e, em 2002, já ultrapassava o rádio.

■ O microcomputador estava presente em 19,6% das casas capixabas em 2005, percentual maior do que no ano anterior, quando 12,5% responderam que tinham o equipamento. O crescimento ocorreu entre as famílias com maior poder aquisitivo, com rendimentos de mais de 20 salários mínimos.

■ Também cresceu o número de domicílios com acesso à internet. Eram 12,5% em 2004 e passaram para 14,4% no ano seguinte. No total da população com mais de 10 anos de idade, verificou-se que, no Estado, 23,7% acessaram a internet em algum local, nos últimos três meses de 2005, ocupando a 6ª posição no País.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

